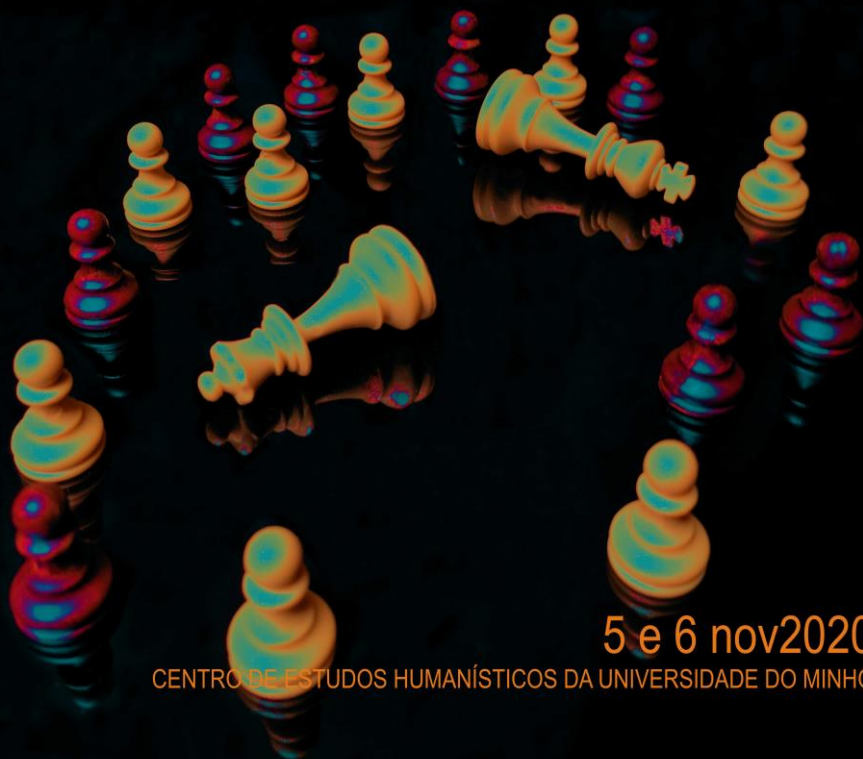


**XXII COLÓQUIO DE OUTONO**

# **POPULISMOS e suas linguagens**



**5 e 6 nov2020**

**CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DO MINHO**

# ***XXII Colóquio de Outono***

***5 e 6 de novembro de 2020***

## ***Resumos***

# Conferências Plenárias

## *Populismo e Democracia Iliberal*

António Costa Pinto

Universidade de Lisboa - Portugal

A vaga populista de direita (mais ou menos radical) das últimas décadas e a chegada ao poder de alguns partidos e líderes ao poder, como são o caso de Orban, na Hungria, Bolsonaro no Brasil, Trump nos EUA, ou o do partido da Lei e da Justiça, de Kaczyński e Dudana Polónia, tem levado muitos académicos e analistas a regressar a um conceito introduzido por Faeed Zakaria no final do Século XX: “Democracia Iliberal”. A distinção entre liberalismo e democracia é antiga, mas o conceito de democracia iliberal já sofreu alguma evolução e define hoje regimes políticos que muito embora conhecendo eleições livres (ou quase) e justas, e estejam integrados em comunidades democráticas com a União Europeia, sofrem limitações a algumas liberdades, menor autonomia do judicial, limitações ao poder legislativo dos parlamentos, e outras. A democracia iliberal é uma forma de

regime político? É duvidoso. Talvez exprima apenas uma dinâmica incerta e não uma forma política consolidada.

***El discurso populista en las revistas del primer franquismo***

Carla Prestigiacomo  
Universidade de Palermo - Itália

En determinados contextos y momentos históricos la prensa ha llegado a identificarse con un instrumento de orientación y coacción, como una instancia de un grupo dominante que convierte el discurso mediático en un arma destinada al servicio de la manipulación ideológica del blanco receptor (Charaudeau, 2003: 42). Es este, como me propongo demostrar, el caso de las revistas objeto de este trabajo: *Legiones y Falanges* (1940-1943) e *Y, Revista para la mujer nacionalsindicalista* (1938-1945). Se trata de dos publicaciones ejemplares en las que las élites del poder se proponen ensalzar los fundamentos ideológicos de la joven dictadura franquista y construir la identidad de la mujer que necesita el régimen. Con este objetivo, los locutores institucionales adoptan una amplia gama de estrategias argumentativas, lícitas y no, forjando un discurso claramente

populista, en el que sobresalen la denuncia del mal (Charaudeau, 2011) y la exaltación del salvador (Franco y sus instituciones), que se verbalizan en un lenguaje altamente emotivo (léxico valorativo, metáforas...), a menudo basado en la irracionalidad. Desde el punto de vista metodológico, he trabajado de forma transversal, recurriendo a la lingüística pragmática (Fuentes Rodríguez, 2013 y 2015), a la teoría de la argumentación (Anscombe y Ducrot, 1994) y a su gramática (Lo Cascio, 1991 y 2009; Fuentes Rodríguez y Alcaide Lara, 2002 y 2007), a los instrumentos del análisis crítico del discurso, así como a los estudios sobre ideología, discurso y manipulación de Van Dijk (sobre todo 1996, 2003, 2006, 2008, 2009 y 2010).

## **Discurso populista y redes sociales: el caso de España**

Catalina Fuentes Rodríguez  
Universidade de Sevilla - Espanha

El populismo se ha convertido en un argumento que se lanzan los políticos entre sí en sus frecuentes ataques. Para unos revela una posición ideológica de un determinado signo, pero, generalmente, radica en el uso de los datos, en el objetivo y en las estrategias comunicativas utilizadas. En la actualidad

encontramos populismo de derechas y de izquierdas, falacias frecuentes que tienen el mismo fin: desacreditar el discurso del otro y conseguir el éxito ante el ciudadano de manera fácil y rápida. En este momento de la llamada “posverdad”, con las noticias “fake” llenando los diarios y, sobre todo, las redes sociales, resulta difícil distinguir los mensajes e incluso las ideologías.

Nos vamos a centrar en esta ponencia en el discurso de políticos españoles de signo distinto para descubrir dónde radica el populismo, cómo se manifiesta, sobre todo cuando las redes sociales se han convertido en el campo de batalla donde se disputan los votos.

# Comunicações

## *Arte popular e arte populista*

Carlos Bizarro Morais

Universidade Católica Portuguesa - Portugal

Na sua aceção ideológica, teorizada por A. J. Herzen e P. L. Lavrov, a revolução a realizar pelo movimento narodnitchestvo devia ser preparada por uma prévia intervenção estrutural e ampla na sociedade, capaz de garantir a elevação e melhoria do nível cultural do povo.

Os intelectuais e os pensadores em geral, encontraram nessa orientação a legitimação de uma missão “pedagógica”, que permaneceria em debate em todas as grandes correntes doutrinárias do Séc. XX.

Algo de semelhante aconteceu com a arte, com a criação artística, área que aqui nos interessa especialmente. De facto, também os artistas legitimaram, desde então, uma função e sentido para as suas vidas e para as suas ocupações, orientando a suas atividades, o seu trabalho criador de modo a alimentar aquela nobre finalidade: o enriquecimento da experiência estética da comunidade social, através de uma arte que se desejava próxima e verdadeiramente expressiva, ou seja, de uma autêntica arte popular.

Contudo, sabemos que também uma certa manipulação concetual e pragmática dessa mesma arte, a perverte(u), facilmente, num processo de massificação estética e ideológica, de efeitos políticos e culturais perniciosos e graves. Pelo que, sintomaticamente, após os últimos grandes debates dos anos 70 do século passado, volta agora a ser necessário – e mesmo urgente – repensar as fronteiras éticas, estéticas e políticas da arte popular, da arte de elite e da arte de massas. De outro modo, também sob os equívocos destas linguagens se renovarão os totalitarismos, potenciados pelas oportunidades da globalização.

Palavras-chave: Arte Popular; Arte de Elite; Arte de Massas; Populismo; Valor Estético.

### ***A retórica de Bolsonaro: conjunções entre populismo e neofascismo brasileiro***

Carlos Piovezani

UFSCar - Brasil

Aos 07 de julho de 2020, Federico Finchelstein concedeu uma entrevista ao site The Intercept, durante a qual reiterou que Jair Bolsonaro é o líder populista que mais se aproximou do fascismo em toda a história. Para sustentar sua afirmação, Finchelstein, que é um dos mais conceituados historiadores contemporâneos do fascismo, menciona o que seriam, segundo ele, quatro dos traços do fascismo: a violência como fator de regeneração social, a discriminação de minorias fragilizadas, a consolidação de um regime totalitário e a



difusão em massa de mentiras. Bolsonaro conjuga em seus pronunciamentos propriedades populistas, tal como a de sua condição de intérprete privilegiado da voz e da vontade populares, com essas características e tendências fascistas apontadas por Finchelstein, desde sua condição de vereador pela cidade do Rio de Janeiro, passando por seus sete mandatos como deputado federal, até suas atuações como candidato nas eleições presidenciais de 2018 e como presidente da República, a partir de janeiro de 2019. Com base nos fundamentos da Análise do discurso, nossa intervenção pretende examinar as coisas ditas e os modos de dizer que se materializam em falas públicas de Bolsonaro, com vistas a indicar mais precisamente as modalidades dessa conjunção entre o populismo e um neofascismo brasileiro contemporâneo.

***Populismo e direitos sociais: como as razões econômicas justificam medidas autoritárias***

Claudia Beeck Moreira de Souza

Universidade Federal do Paraná- Brasil

O Estado Constitucional está em crise: não tem sido capaz de prestar serviços de maneira eficaz; de regular a atuação privada e isso tem resultado em tragédias econômicas e ambientais; não tem sequer impedido que os agentes privados influenciem as eleições através de informações

falsas. O Estado Constitucional não se presta a resolver os problemas da contemporaneidade e não há proposta de nenhum modelo que possa substituí-lo.

Essa insuficiência acaba sendo canalizada por políticos que se sentem autorizados a criticar o tamanho das Constituições, a quantidade de direitos, a proteção das minorias, a representatividade da classe política e a convivência das elites. De acordo com SCHEPPELE e TUSHNET, no contexto de incapacidade do constitucionalismo, há o favorecimento do advento de políticos populistas autoritários.

O líder populista se apropria do discurso crítico à ineficiência do Estado Constitucional para colocar-se como opção capaz de fazer as reformas necessárias, diretamente, representando as aspirações do povo, sem necessitar dialogar com as instituições. A economia se torna um escudo para políticas restritivas de direitos. As medidas autoritárias podem vir sob a capa de corte de gastos: a imprensa não precisa ser fechada, mas pode ser falida; os artistas ficam sem acesso as políticas de incentivo; as universidades, os órgãos de fiscalização, os encarregados da reforma agrária e da imigração, enfim, toda uma estrutura que se encontra fora das preferências do governo pode ser violada, sob a justificativa da redução de gastos.

Portanto, para além da identificação e controle das medidas populistas de restrição de liberdades, é o caso de perquirir se a agenda econômica pode também estar baseada neste tipo de discurso. O trabalho objetiva compreender (e expor) que existem questões econômicas que podem favorecer uma plataforma populista autoritária e existem regimes populistas autoritários que podem macular suas intenções por discursos econômicos.

## ***As máscaras da pandemia: populismos e fascismos no Brasil***

Cleildes Santana

Clayton Rodrigues

UFOB / CEHU ; ICS / Universidade do Minho - Portugal

A pandemia em decorrência da COVID19, escancara por um lado, a disfunção no gerenciamento das inúmeras mazelas sociais globais por parte de alguns governantes, e de outro, de maneira combinada, potencializa a emergência de regimes políticos, seja enquanto *modus operandi* de “fazer política” enquanto recurso para implementação de ambições autoritárias, suscitando assim a necessidade de reflexões que permitam assinalar de maneira crítica o amplo e tortuoso caminho que precisaremos problematizar e combater. As máscaras faciais recomendadas, por exemplo, funcionam como barreiras de proteção ou única arma, associada ao isolamento social; lockdown ou quarentena, mas também expressam estratégias regulatórias da vida social. É no âmbito desta complexidade, onde o Brasil representa um exemplo “às avessas” no combate a pandemia, que buscamos problematizar a sincronização de materialização das medidas sanitárias à luz das decisões “políticas” do atual desgoverno federal que denominamos de necropolítica pandêmica, em sua interface com a ausência de um projeto político das esquerdas que configure um contraponto a este quadro, haja vista o crescimento da militarização e seu espectro na política e vida social, bem como as respostas distintas para a tríade pandemia / medidas de “salvamento” – condições sociais / regime de governo (negacionismo ao vírus ou adoção de

medidas de enfrentamento). Realizamos uma abordagem historiográfica com base em principais elementos e indícios para interpretação do atual contexto, via autores, textos e principais chaves analíticas sobre o tema, de maneira combinada com uma etnografia dos discursos presidenciais (dados qualitativos ) amplamente divulgados nos noticiários online e impressos, redes sociais, blogs, etc que fundamentam as perspectivas populistas / proto fascistas, em curso nas terras brasileiras que constituem a presente governação. Palavras – chave: Necropolítica pandêmica; Populismos; Fascismos; Governação

***Emotions in southern european populist movement-parties institutionalisation: analysing the shift from participation to representation***

Cristiano Gianolla,

Antoni Aguiló,

Jesús Sabariego

Universidade de Coimbra -Portugal

Movement-parties are social movements that engage in electoral politics and thus enter local, regional and national assemblies. This article focuses on the 5 Star Movement (M5S) and Podemos, two movement-parties that have much in common including the characteristic of propounding participation as a populist discursive signifier. Moreover they

have elaborated participatory mechanisms to regulate the functioning of the local groups and, through the use of technological instruments (online platforms), to develop participatory practices on a national scale. For both movement-parties participation has lost relevance and representation has become predominant as much as M5S and Podemos were successful in electoral politics, thus they have defocused from participation and refocused on representation enacting centralist hyper-leadership models.

This article makes a discourse analysis based on qualitative data collected through ethnographic research in Italy and Spain within local groups and with representatives . It contributes a political science, political philosophy and communication studies argument at the intersection of the research areas on populism and party movement and focuses on the main question: what role play emotions in the institutionalisation process of movement-parties? The article analyses the discourse of movement-parties activists and representatives in order to outline the positive and negative role played by emotions in the shift from participation to representation and also the impact of this shift on activists and representatives' emotions, defining their identification or rejection of the changing status of the movement-party. The findings of the research unveil the roots of affection and disaffection from populist party-movements and shed lights on the dynamics and contexts that favour their political (un)success both in terms of participation and representation.

## ***O corpo frente ao populismo: regimes semióticos***

Danielle Miranda

Universidade Nova de Lisboa - Portugal

Nessa comunicação, propomos refletir sobre as instabilidades que avançam sobre a democracia – com o avanço das forças autoritárias, do populismo e do desmonte do Estado de Direito pelo mundo – e as semioses que afloram nas expressões comunicativas de movimentos ativistas que buscam, através da implicação de seus corpos, criar espaços de aparição para suas demandas, de reivindicação democrática contra múltiplas formas de opressão e que, em alguns casos, transformam o corpo na própria mensagem do protesto. Se, por um lado, no contexto de crise da democracia cresce a cooptação de estratégias semióticas e performativas de manifestação por forças hegemônicas e/ou autoritárias, passa pela compreensão dos signos e suas significações, que hoje se tornam estranhamente falseados (Malik, 2019), o esforço de diagnóstico político de nosso tempo. Entendemos que a ação performativa que instaura o corpo no político cria gramáticas e linguagens dos protestos: não transporta simplesmente sentidos, mas os institui, faz corpo e encontra visibilidade e sustentação nas dinâmicas comunicacionais. Nas manifestações contra os populismos interessa-nos, especialmente, a visibilidade do corpo ativista, que, para nós, atua em processos contínuos de semiose em conjunto com todo um regime de signos – prédios públicos; máscaras; símbolos; bandeiras e cartazes; smartphones; bombas caseiras dos black blocks; memes nas redes digitais. Seguindo

a semiótica da cultura (Yuri Lotman), analisamos os corpos que se reúnem na política das ruas enquanto textos semióticos, em uma problemática comunicacional que posiciona o corpo não como veículo/medium, mas como um todo de significação. Propomos que, assim, compõem-se diferentes níveis de regimes semióticos – estéticas da violência, do anonimato, do escracho, do imediatismo, da contradição, do enfrentamento, do efêmero, entre tantas. Semioticamente, esses corpos tanto reproduzem como podem reinventar as normas dominantes para as democracias contemporâneas.

**A teoria do populismo: explicação hegemônica da  
evolução política brasileira no período 1930-64 –  
delimitação e crítica**

Diego Augusto Maia Baptista

LAI/FU-Berlin

A julgar pela disseminação e penetração do termo no discurso acadêmico, jornalístico ou político recente, o populismo parece de fato remeter uma dimensão central do mundo contemporâneo. Chama atenção a capacidade que esta noção tem de subsumir os mais variados casos, contextos e personagens; acrescido da adjetivação conveniente ele acolhe de Chaves a Trump, entre inúmeros outros exemplos tão dispares. Constata-se assim certa falência de precisão do

termo, sua utilidade para a inteligência dos fenômenos concretos em suas identidades diversas revela-se discutível. Nosso intuito é referir uma delimitação temporal e geográfica da noção de populismo (dentre tantas possíveis - e necessárias). Procederemos em três partes: 1) Remissão à noção de populismo formulada no contexto europeu em face da ascensão do nazifascismo e da Revolução Russa, em que o populismo define-se, ao lado do autoritarismo e do totalitarismo, por contraste com o arquétipo da democracia liberal. 2) A reelaboração daquela noção originária pela sociologia latinoamericana na década de 1970, em particular no Brasil, com F. Weffort, O. Ianni, entre outros, num esforço de produzir uma nova explicação do período que vai do início da industrialização brasileira, na década de 1930, até o golpe militar de 1964. Todo o processo socioeconômico da transição - tardia e tortuosa - de uma sociedade de base agrária para uma urbano-industrial é enquadrado sob a forma política do populismo, o chamado período populista. Esta tese torna-se hegemônica pelos trinta anos seguintes, e dissemina-se a ponto de exceder a academia, adentrando no jornalismo e no senso comum - sempre com uma conotação negativa. 3) Porém a teoria do populismo não se manteve totalmente imune a críticas, sob aspecto formal questiona-se a própria construção do conceito, e sob o aspecto prático a inadequação de sua aplicação à particularidade brasileira (cf. R. Barbosa Filho e J. Chasin, já na década de 1980, e posteriormente J. L. Ferreira, entre outros).



***Discursividades Islamofóbicas e Populismo:  
apontamentos a partir do caso brasileiro***

Felipe Freitas de Souza

Araquarara – Brasil

No Brasil, a eleição de 2018 levou à presidência Jair Bolsonaro, um candidato que obteve apoio de setores à direita, extrema e radical, do espectro político. Junto ao então presidente, posicionaram-se agentes sociais com pautas xenofóbicas, defensores de uma hierarquia social que reconhece enquanto cidadãos de fato aqueles aderentes ao projeto de poder vigente. Nesses agentes sociais, é significativa a recorrência da narrativa do Globalismo, da ideia de Choque de Civilizações e a adesão às ideias do ideólogo Olavo de Carvalho. Nas narrativas desses agentes, o Islam e os muçulmanos são compreendidos enquanto invasores ou ameaças ao Ocidente, sendo o Brasil caracterizado enquanto parte de uma imaginada sociedade ocidental judaico-cristã, constituindo uma ameaça aos compreendidos enquanto verdadeiros brasileiros – com ênfase aos cristãos, sionistas ou tradicionalistas. Considerando que a sociedade brasileira contemporânea pode ser entendida enquanto parte de uma Sociedade em Rede, é principalmente no espaço virtual que expressões políticas atuais se realizarão, principalmente em seu viés populista. Através de canais no YouTube e publicações em redes sociais como o Twitter, constatamos que agentes sociais apresentam discursividades islamofóbicas, reforçando a apreensão de um conflito supostamente inerente entre Islam e Ocidente / Cristianismo, reiterando

uma narrativa reducionista e explicadora da realidade que interessa aos grupos hegemônicos. Se as complexas transformações sociais, históricas e tecnológicas, além da mercantilização de diferentes aspectos da vida cotidiana, oferecem desafios cognitivos sem paralelo aos indivíduos, será na narrativa simplificadora populista que redutos conservadores encontrarão orientação na figura do líder de Jair Bolsonaro naqueles que o orbitam. Nessas narrativas, a islamofobia está presente enquanto discurso acessório ao populismo. Visamos, nesta comunicação, expor os nexos entre essas narrativas políticas contemporâneas.

***Populismo no YouTube: elementos materiais e retórica na  
Bolsonaro TV***

Flávio Nehrer

UERJ - Brasil

Os estudos de Comunicação Política, em especial no Brasil, apresentam perspectiva de centralidade da televisão durante o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (ALBUQUERQUE, 1999; ALDÉ, 2001; BORBA e ALDÉ, 2016). Entretanto, as tecnologias digitais mudaram esse cenário. Em 2018, o PSDB arregimentou maior fatia de tempo no HGPE nas eleições presidenciais. Jair Bolsonaro (PSL), com apenas seis segundos diários de TV, deixou para trás campanhas que utilizaram

modelos tradicionais baseados em mídias de massa, debates e corpo-a-corpo com eleitores.

Em seu discurso de diplomação, Jair Bolsonaro afirmou que “o poder popular não precisa mais de intermediação, as novas tecnologias permitiram uma relação direta entre o eleitor e seus representantes”. Aparecem aqui dois aspectos do populismo sugerido por Edward Shils – a supremacia da vontade do povo e a relação direta entre o povo e o governo (WORSLEY, 1969).

Assim, buscamos identificar aspectos discursivos do estilo político não convencional de Bolsonaro que desenharam sua campanha no contexto de política midiaticizada do século XXI. Revisitando o conceito de populismo (CONAVAN, 1999; LACLAU, 2011; ARDITI, 2004; WAISBORD, 2013; MUDDE, 2004), procuramos compreender a relação entre o estilo retórico encenado pelo presidente e as diferentes articulações do discurso populista, reconhecendo a impossibilidade de estabelecermos qualquer pureza conceitual devido à elasticidade do conceito.

Neste estudo, escolhemos analisar a Bolsonaro TV, canal do YouTube inaugurado em setembro de 2017, com 90 milhões de visualizações e mais de 1,4 milhão de inscritos. O uso de programas próprios de rádio ou TV por líderes políticos não é uma estratégia recente (FRAJMAN, 2014; HAUSSEN, 1996), porém o caráter inovador se encontra na sua utilização. Kreiss (2015) afirma que o Youtube é uma plataforma que “estabelece uma variedade de conteúdos estratégicos para uma campanha, como vídeos inspiracionais” (KREISS, 2015, p. 126, tradução nossa).

***Forjando a nação: raça e cidadania na revolução boliviana de  
1952***

Guilherme de Moraes Andrade

PUC-RS - Brasil

Esta apresentação tem por objeto os marcadores de identidade coletiva mobilizados no âmbito da revolução boliviana de 1952, responsável pela introdução de profundas mudanças nas dinâmicas sociais, políticas e econômicas do país. A chegada ao poder do Movimiento Nacionalista Revolucionário (MNR) marca o início de um intenso processo de articulação e conflito entre o estado boliviano e importantes atores sociais, em especial os movimentos sindicais, que atravessa quatro reformas basilares: a nacionalização da indústria mineradora, a promulgação do sufrágio universal, a promoção da alfabetização e uma reforma agrária voltada à instauração de um modelo fundiário calcado na propriedade individual. Por um lado, a ascensão de um regime focado na integração e inclusão de parcelas marginalizadas da sociedade parece apontar para um avanço em pautas de justiça e igualdade, em especial em um país até então atravessado por profundas clivagens identitárias entre classes urbanas brancas e mestiças e comunidades rurais assentadas em modos indígenas de organização. Por outro, os mecanismos instituídos a partir de 1952 com fins a criação de uma “cidadania mestiça”, que representasse um mínimo denominador comum para a subjetivação política dos habitantes do país, caminha no sentido do estabelecimento de padrões de socialização

amplamente inspirados em uma visão racializada do cidadão ideal, alfabetizado em espanhol, proprietário individual, com a participação política ritualizada na forma eleitoral, e participe em uma economia planificada mas ainda baseada em dinâmicas de acumulação e extração do excedente produtivo. Nesse sentido, analisar o nacionalismo e o populismo no governo boliviano do MNR entre 1952 e 1964 nos permite identificar de que forma dinâmicas de produção de uma identidade coletiva atravessam processos de rearticulação das posicionalidades através do corpo social, que por vezes derivam das mesmas lógicas divisionárias que se propõe a superar em primeiro lugar.

### ***Populismo e o ser e fazer no discurso político português***

Isabel Fuzeta Gil

Universidade de Coimbra - Portugal

É objetivo deste estudo abordar o uso do termo “populismo” de um ponto de vista discursivo. Se no passado este termo era usado como qualificador sobretudo da direita, o mesmo não acontece hodiernamente. A eleição de representantes de novos partidos quer da esquerda, quer da direita, parece estar no cerne do uso daquele termo como forma de descredibilização de um “ser e fazer” do foro político. Dado que o discurso político passou há muito para a esfera pública, interessa-nos analisar as circunstâncias em que circula a

acusação ou defesa através do uso dos termos “populismo” ou “populista” e da multiplicidade de sentidos que vêm ganhando, a partir de um corpus constituído por textos publicados no Diário da Assembleia da República e na imprensa escrita.

Adiantaremos que a par com o(s) populismo(s) se empreende um aturado trabalho de figuração ou, numa ótica retórica-pragmática, uma cuidada construção do ethos discursivo e ainda a manifestação linguística de emoções tidas como adequadas a eventos ou estados de coisas avaliados de um ponto de vista sócio-cognitivo e pragmático-discursivo.

Para tal, evocaremos os estudos de Fonseca (1992, 1994), Marques (2000, 2005, 2008), Charaudeau (2005, 2008, 2017), Micheli (2010, 2012), Plantin (2008, 2011).

Palavras-chave: populismo, ethos, face, emoção

### ***A cortesia dissimulada nos discursos considerados 'populistas' em Portugal***

Isabel Seara

Universidade Aberta/PraDiC-CEHUM - Portugal

Cientes da ambiguidade do termo ‘populismo’, adotaremos, neste estudo, a conceção e caracterização de Dockendorff e Kaiser (2009) e partiremos do princípio enunciado por Dramnescu (2017) que considera o populismo uma forma de “cortesia dissimulada”, tratando-se da reclamação do bem

comum perseguido pelo povo, insistindo-se recorrentemente neste armento ad populum.

Subscrevemos a posição de Dramanescu que afirma que: “In most countries of Europe through their discourse, populist politicians exploit social frustration generated by economic problems by showing the main culprits: corruption, political elitism and immigrants”(2017: 3).

Ensaiaresmos mostrar, a partir da análise de alguns discursos políticos em Portugal, como a construção do discurso populista recorre a estratégias constantes de cortesia e de descortesia, a fim de ou construir uma imagem social construtiva e positiva do outro ou, ao invés, se ataca descortês e veementemente os que sustentam ideias distintas, usando expressões próximas da agressividade e da violência verbal (Culpeper, Haugh e Kádár 2017).

Concomitantemente, com base nos trabalhos sobre ethos discursivo (Amossy, Maingueneau, Marques, entre outros) analisaremos os argumentos que subjazem à construção de um ethos carismático que, na identificação com o povo, reclama as suas aspirações mais profundas, exalta os valores mais tradicionalistas, fustigando as elites, acusadas de serem corruptas, incompetentes e inimigas da nação, vituperando o neoliberalismo numa verdadeira atitude de manipulação, como é defendida por Charaudeau (2011: 103)

Palavras-chave: análise do discurso; discurso político; cortesia e agressividade verbal

***Popular ou populista? Carismático ou providencial? O caso do Presidente português Marcelo Rebelo de Sousa***

Jean Mercereau

Jorge Gomes da Costa

Inst. Pol. Leiria - Portugal

Desde a sua eleição como Presidente da República em janeiro de 2016, Marcelo Rebelo de Sousa tem sido muitas vezes apontado como exemplo único de popularidade numa época cada vez mais marcada pelo desgaste das elites políticas. Embora esta popularidade excepcional tenha levado a acusações de populismo, por parte de algumas figuras públicas, apoiantes do presidente português veem nele um caso de “bom populismo” capaz de proteger o país contra derivas mais perigosas deste fenómeno. Por outro lado, Marcelo Rebelo de Sousa é frequentemente apresentado como um líder carismático, associando a esta noção valores referentes ao carácter supostamente providencial da sua liderança. De um modo geral, estas etiquetas facilmente atribuídas através da comunicação social costumam basear-se em noções vagas que se apoiam mais no imaginário coletivo do que em verdadeiros conceitos definidos com clareza. Este estudo, de natureza essencialmente transdisciplinar, visa trazer alguns contributos no sentido de desfazer a ambiguidade entre, por um lado, os conceitos de popularidade e de populismo, através de autores como Laclau (2005), Wodak (2013), Judis (2016), Moffitt (2016), Muller (2016), Mudde & Kaltwasser (2017), Eatwell (2018) e Mouffe



(2018) e, por outro, as noções de liderança carismática e providencial com recurso a autores como Weber (), Girardet (1986), Fischer (2009), Dorna (2012) ou Garrigues (2012). Através do estudo de caso do presidente português, baseado na análise de quatro comunicações públicas ao país entre 2016 e 2019, pretende-se proceder a uma sistematização destes conceitos de forma a poder avaliar a sua eventual aplicação no contexto específico da realidade política portuguesa.

***A liberdade de expressão e o surgimento de um novo populismo no neoliberalismo: os deslocamentos do dizer-verdadeiro na política***

Katia Menezes de Sousa

U. Federal de Goiás - Brasil

Este trabalho objetiva discutir o modo como a extrema direita vem mobilizando um discurso de liberdade para justificar rompimentos com a justiça social, como também, falas e atitudes violentas. Demonstrando preocupação com a emergência de um novo populismo que combina o neoliberalismo com ranço fascista, o historiador argentino Federico Finchelstein (2020) apresenta a tese de que o populismo, apesar de ser intrinsecamente democrático, está na raiz do fascismo. Analisando a ascensão da política antidemocrática no ocidente, Wendy Brown (2019)

argumenta que o ataque do neoliberalismo à democracia tem modificado a orientação de leis, da cultura e da subjetividade políticas e que compreender as forças da situação atual requer avaliar que a percepção de abandono econômico e o rancor racial das classes trabalhadora e média brancas adquirem voz que se manifesta como perda da fé na verdade, na facticidade e em valores fundamentais. Assim, a liberdade de expressão tem sido reclamada como um direito da extrema direita, para habilitar a discriminação e cercear leis de igualdade, por meio de uma capciosa convergência entre liberdade de expressão e liberdade de exercício religioso, patriótico, familiar etc., que protege uma posição política discriminatória e disfarça a base das propostas do governo e a promoção de violência, autorizando ditos e práticas não comprometidos com a verdade. Considerando a questão da verdade como o ponto para se chegar às raízes do direito à liberdade de expressão em sua relação com o populismo, autoritarismo, democracia, neoliberalismo etc., este trabalho procura refletir, com base em Michel Foucault (2004; 2010), sobre a parresía grega, o dizer-verdadeiro, e suas duas adversárias, a lisonja e a retórica, para tentar responder, atendendo ao objetivo proposto neste trabalho, à questão problematizada por Foucault: Como o dizer-verdadeiro e o governar (a si mesmo e aos outros) se vinculam e se articulam um ao outro?

## ***Usos da leitura e populismo: os livros e a eleição de Bolsonaro***

Luzmara Curcino

UFSCar - Brasil

Na esteira de minha pesquisa que examinou os usos simbólicos do livro e da leitura na construção do perfil dos ex-presidentes brasileiros Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), Luiz Inácio Lula da Silva (2002 a 2010) e Dilma Rousseff (2010 a 2016), nesta comunicação, pretendo empreender uma análise das formas de apropriação do livro na campanha e no pronunciamento de posse do atual presidente da República no Brasil, Jair Messias Bolsonaro. A despeito de um dos traços de seu populismo, a saber, seu anti-intelectualismo visceral, Bolsonaro não dispensou o poder do livro. Suas imprecações populistas exigiam algum lastro. Para isso, ele não apenas recorreu a esse objeto cultural, mas também a alguns títulos e autores específicos, de modo a tentar validar suas ideias. Em seus pronunciamentos de campanha e de posse, realizados e transmitidos em vídeos caseiros da sala de sua residência, a presença de alguns livros sobre a mesa é estrategicamente eloquente. Na análise, abordo os usos dos livros que nesse cenário de campanha e de posse se apresentaram de forma mais manifestamente populista. A pequena biblioteca de campanha de Bolsonaro desempenha ali alguns papéis: i) o de ornamento; ii) o de reiteração dos motes nacionalista e religioso, com a Constituição brasileira e a Bíblia; iii) o de “prova” contra seu adversário político; iv) o de recomendação de leitura a seu eleitorado. Se a presença de livros nesse cenário de campanha

pode ter produzido certo estranhamento em alguns segmentos sociais, por outro lado, ela desempenhou funções em nada negligenciáveis ao flertar com certos setores do eleitorado brasileiro e, ao mesmo tempo, ao fornecer uma fonte comum de argumentação a seus militantes. Essa exploração simbólica dos livros será abordada a partir dos postulados teóricos da Análise do discurso e da História Cultural da leitura.

### ***As características populistas presentes no chavismo na Venezuela***

Mariana de Oliveira Lopes Vieira

Secretaria de Estado da Educação, Paraná Brasil.

Colégio Estadual Hugo Simas - Brasil

O populismo foi e ainda é um dos fenômenos políticos mais característicos dos países da América Latina e um dos mais estudados por intelectuais de diversos matizes teóricos na Ciência Política contemporânea. Ainda hoje este tema exerce influência na produção acadêmica sobre como este fenômeno se materializou em diversos governos latino-americanos. Esta pesquisa buscará analisar como o populismo pode ser utilizado para se pensar os fenômenos latino-americanos, em especial o chavismo na Venezuela. Apresentaremos três grandes vertentes do populismo na América Latina: a do populismo como liderança carismática e política personalista que une o líder às massas; a do populismo como uma

ideologia política pequeno-burguesa, um culto ao Estado protetor, um tipo de estatismo reformista, que promove a identificação dos setores populares ao aparelho de Estado burguês e, por fim, a noção mais contemporânea do populismo como uma lógica de construção política por meio da formação de identidades coletivas, representando a construção do povo contra seu inimigo. Com este debate teórico esperamos contribuir não só com a análise do populismo na América Latina, mas também com a análise das potencialidades políticas na Europa. Apesar de estarmos analisando o populismo na América Latina para, com isso, discutir o tema na Venezuela, sabemos que o termo pode ser utilizado para designar vários governos da Europa, África e EUA.

Palavras-chave: Populismo, América Latina, chavismo, Venezuela.

***Des)Acordo Ortográfico. Análise discursivo-pragmática de argumentos populistas na construção da polémica verbal escrita sobre o Acordo Ortográfico de 1990***

Mariana Rosa Moita Silva Ninitas

Universidade Aberta - Portugal

A apresentação que nos propomos encetar prevê a partilha de um trabalho de investigação cujo principal objetivo é o estudo da ativação de argumentos populistas na construção do discurso polémico num corpus de textos de opinião sobre o Acordo Ortográfico de 1990 (doravante A090), nas

perspetivas da Análise do Discurso, da Pragmática, da Retórica, da Argumentação e da Linguística Interacional. Sendo o A090, à semelhança de outras reformas linguísticas, entendido por muitos como um ataque (de natureza política) a um património intocável – a língua –, almejamos que o trabalho de investigação que nos propomos apresentar permita refletir acerca dos principais argumentos manipulados na construção do discurso polémico sobre o A090, nomeadamente a ativação de argumentos populistas enquanto expressão da voz de um conjunto social homogéneo – o povo.

Assim, a um nível macro de análise, ensaiaremos responder às seguintes questões:

- Quais os motivos que presidem ao dissenso e quais os argumentos que são convocados pelos que defendem o A090 e os que o atacam e denigrem?
- Quais desses argumentos expressam a necessidade de satisfazer os interesses do povo?

E, a um nível micro de análise, propomo-nos responder às questões abaixo elencadas:

- Quais os mecanismos discursivos que subjazem à construção do ethos do autor?
- Quais as estratégias de construção de polémica no discurso?
- Quais as estratégias discursivas predominantes de defesa e ataque (FTAs)?

## *Discurso populista como resistência?*

Michelle Gomes Alonso Dominguez

UERJ – Brasil

Em recente entrevista ao jornal português Público, a socióloga belga Chantal Mouffe, em conformidade com sua mais recente publicação *Por um populismo de Esquerda* (2019), adverte que “se a esquerda não perceber a importância de articular essas resistências com uma estratégia de populismo de esquerda, então é muito provável que o populismo de extrema-direita cresça mais. Sem qualquer oposição competitiva” (Mouffe, 2020). Diante do alerta, a questão que colocamos é: discursos populistas podem se constituir como discursos de resistência? Note-se que nossa interrogação dedica-se à constituição do discurso e, nesse sentido, propomos dois momentos de reflexão. No primeiro, debruçamo-nos sobre o conceito de discurso populista, apoiando-nos, no âmbito da AD, nas reflexões de Patrick Charaudeau (2009) sobre o discurso populista; no segundo, apresentamos nossa contribuição para a conceituação do que se pode denominar Discurso de Resistência, a partir de um posicionamento discursivo mais voltado à Análise Crítica do Discurso, baseados em Fairclough (2003). A partir desse diálogo, propomos a análise de pronunciamentos políticos enquadrados no escopo populista (de direita e de esquerda), no sentido de verificar sua conformidade com padrões discursivamente identificados como resistência.

***Sob os signos da política: uma leitura semiótica dos discursos empregados no filme Terra em Transe (1967)***

**Rafael Wagner Dos Santos Costa**

UNIFAP-Brasil

Este artigo tem como finalidade analisar os discursos políticos presentes no filme Terra em transe (1967), de Glauber Rocha, em especial aos proferidos pelo personagem Felipe Viera, líder populista que prega a justiça social, mas que acaba traíndo seus eleitores. Para tanto, optamos pela teoria semiótica de Charles Sanders Peirce (2005), que fornece a fundamentação necessária para subsidiar as considerações a respeito das vozes que reverberam na obra cinematográfica. Nesse sentido, pontuamos que tais discursos, ao invés de registrarem os rastros (índices) do que foi vivido, atuam sobre esse mesmo vivido, assinalando o que Peirce, em sua concepção triádica, chama de anterioridade do signo sobre o objeto que o determina logicamente. Quando o autor ressalta que o signo é determinado pelo objeto, Peirce pode nos levar a pensar que o objeto detém primazia ontológica sobre o signo e isso se revela na própria condição do índice, que atesta uma relação de causalidade entre signo e objeto, já que o signo, nesse caso, só existe por força de seu objeto, como a fumaça em função do fogo. Porém, não devemos esquecer de que o signo é um primeiro em relação ao objeto. O próprio autor afirma que o objeto pode, efetivamente, ser algo a ser criado pelo signo. Daí, portanto, a possibilidade desses discursos, como o de Vieira, apontarem para frente, como uma flecha, e assim contribuir para a constituição de um povo por vir, a ser inventado, como Gilles



Deleuze (2007) afirma ser uma vontade sempre expressa nos filmes de Glauber Rocha. Ademais, procuramos, ainda que de forma parcimoniosa, revelar como a semiótica pode contribuir para a discussão do fenômeno populista.

***A polêmica como estratégia de visibilidade populista: o caso Bolsonaro nas eleições presidenciais brasileiras de 2018***

Thais Barbosa

U. Limoges / U. Paraná - Brasil

Nesta comunicação, questionaremos a visibilidade dos atores populistas nos meios de comunicação on-line tradicionais. Para isso, analisamos a cobertura da candidatura de Jair Bolsonaro nos principais portais de notícias brasileiros G1 et UOL no primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras de 2018. A nossa hipótese é que a polêmica é a estratégia argumentativa mais usada por este ator populista para manipular o agendamento midiático. Para efeitos de análise, nosso corpus de trabalho compreende o conteúdo das notícias dos dois principais portais de notícias brasileiros, no período entre 07 de setembro de 2018 a 07 de outubro de 2018, mês que antecedeu o primeiro turno dessas eleições. Este trabalho é feito sob um ponto de vista interdisciplinar, aliando ciências da comunicação e da linguagem.

## ***O populismo e a (des)obediência civil***

Vanice Maria Oliveira Sargentini

UFSCar - Brasil

O termo populismo circula em diferentes países, sendo muitas vezes adjetivado como populismo de direita ou de esquerda (Fassin, 2019), entretanto, consideramos que em nossa comunicação não se trata de compreendê-lo como uma definição universal ou tomá-lo como um substantivo que admite adjetivações. Interessa-nos, antes, investigar quais são as formas de expressão do populismo em suas práticas discursivas (Foucault, 1986), em sua organização estética e até mesmo em suas expressões de afetos e de violências (Sargentini, 2017) em circulação no Brasil, governado desde 2019 por uma presidência de extrema direita. O apoio popular a esse governo vem de uma parcela do povo que é objetivado como ‘Povo Patriota’ em oposição aos grupos que se reconhecem em um processo de subjetivação (Foucault, 1982) como ‘Povos Ciganos’, ‘Povos Indígenas’, entre outros. A questão que problematizamos é que supostamente a base de apoio popular do presidente Bolsonaro atua de forma a expor um seguidismo, uma obediência cega a um seu comando, entretanto os comandos têm sido marcados por ações de desobediência civil em relação à Constituição do país. Temos como hipótese que se trata de um recurso populista de ocupar esses dois lugares – aquele da obediência e aquele da suposta resistência em uma ação de transgressão e desobediência civil no interior do próprio governo. Expõe-se, assim, uma estratégia de autoritarismo, que se sustenta por uma plêiade de seguidores subservientes, submissos ou

de explícito conformismo, ou ainda inscritos em uma ação de consentimento conveniente (Gros,2017). O estudo se insere no quadro da análise do discurso e o corpus de análise foi extraído da imprensa escrita publicada em meio digital que noticia enunciados produzidos pela presidência em situações públicas nas quais se refere ou se dirige ao ‘povo brasileiro’, seja em forma de apoio ou de comando.